

Um passo sensato

A idéia, em si mesma, é excelente, a de se gerar no Congresso um programa mínimo de Governo destinado a permitir a realização de eleições e a posse do eleito. A dúvida é quanto à capacidade do Congresso de fazer algo efetivamente funcional, uma vez que o Congresso e o Executivo deram-se as mãos, no Plano Verão, para deixarem de fazer justamente aquilo que tinha de ser feito.

Sistematicamente, nos últimos meses, o Congresso se opôs ao ajuste da política fiscal, provavelmente por não haver compreendido sua essencialidade como instrumento da luta antiinflacionária. O Executivo, por sua vez, recusou-se também a fazê-lo, ensaiando apenas alguns passos tímidos, o mais consistente dos quais, a demissão de 90 mil funcionários públicos, decretada pelo Presidente da República no dia do Plano Verão, veio a ser por ele próprio qualificada como "medida demagógica".

Ora, se os dois poderes dos quais depende o êxito de qualquer programa econômico não estão convencidos da necessidade de cortar o déficit público, ou não compreendem o alcance moral de uma iniciativa nesse sentido, as chances de fazê-lo agora, às vésperas da eleição, apresentam-se muito reduzidas. Não cremos que encontrem uma estratégia alternativa que reprima a inflação e preserve intocada a política fiscal.

De todo modo, há de se concordar que o primeiro passo dado pelos partidos no

âmbito do Congresso foi muito bom. A comissão que constituíram ali para reunir propostas e coordenar a elaboração do programa mínimo reúne o que a classe política tem de melhor em matéria de pensamento econômico. Com certeza, essa comissão produzirá algo consistente ou não produzirá nada.

A decisão do presidente José Sarney de submeter-se a um programa que obter razoável base de apoio político no Congresso é uma decisão sensata e, nas atuais circunstâncias, a que melhor se ajusta à preservação daquilo que ele considera seu lado positivo no Governo, o êxito da redemocratização. Uma vez que o Governo, por sua própria iniciativa, já não tem mais o que oferecer, o que tem a fazer, para salvar os dedos, é aceitar o que outros ofereçam.

O setor privado tem também de fazer a sua parte, cabendo às lideranças conscientizar o empresariado da necessidade de romper a inércia do processo inflacionário. Se a dinâmica da inflação não for contida, qualquer programa econômico fracassará. Os empresários devem admitir a verdade de que é preciso algum sacrifício agora, antes da hiperinflação, para impedir que ela se instale. Se, por desgraça, sobrevier ao País uma situação como a da Argentina, os resultados serão desastrosos para todos. Somos, aqui, 140 milhões de habitantes, gente demais para ser contida depois que a situação escapar do controle.